

URBANISMO EM MINAS GERAIS

Pensamento e práticas urbanísticas relacionadas ao ideário do Movimento Moderno (1930-1965)¹

O artigo discute a assimilação, em Minas Gerais, das idéias sobre a cidade e o urbanismo relacionadas ao Movimento Moderno, no período compreendido entre 1930 e 1965. Buscamos recuperar o pensamento vinculado a essa vertente do urbanismo no Brasil, voltado para a transformação e a criação de cidades novas. Abordamos casos específicos inseridos em trajetórias profissionais, para uma compreensão do processo de incorporação e de elaboração, por engenheiros e arquitetos, do ideário difundido em escala mundial pelos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAMs), a partir do primeiro encontro, realizado em 1928, em La Sarraz, na Suíça.

Em Minas Gerais, era grande a repercussão, no âmbito dos municípios, do que ocorria em Belo Horizonte, a moderna capital planejada no final do século XIX por uma comissão de engenheiros e arquitetos, tendo à frente o engenheiro Aarão Reis. Nas primeiras décadas do século XX, os debates em torno das questões de urbanismo se vinculavam, inicialmente, à tradição ligada aos trabalhos de engenharia sanitária, dentre os quais destacamos aqueles inseridos nas trajetórias de engenheiros como Lourenço Baeta Neves e Lincoln de Campos Continentino. Neves dirigiu a Comissão de Melhoramentos Municipais entre 1911 e 1914, tendo desenvolvido várias propostas de intervenção para pequenas e médias cidades do Estado. Essa comissão foi criada com o intuito de dar suporte técnico aos administradores públicos, através do estudo das obras de saneamento e melhoramentos dos municípios.² Já Continentino teve uma vasta atuação, com propostas para diversas cidades mineiras, além da elaboração de um plano de urbanismo para a Capital, desenvolvido a partir de 1934. Além da plena atuação em Belo Horizonte, levantamos propostas dele para as cidades de Além Paraíba e seu distrito Porto Novo, Barbacena, Belo Vale, Boa Esperança, Capitólio, Curvelo, Diamantina, Governador Valadares, Januária, João Monlevade, Itajubá, Pirapora, Poços de Caldas, Prata, São Lourenço e Vigiá. Neves e Continentino também integraram os quadros da Comissão Técnica Consultiva³, o primeiro como presidente, e o segundo como membro da subcomissão de Arquitetura e Urbanismo. O objetivo principal dessa comissão era orientar a administração pública municipal de Belo Horizonte quanto à implementação do plano da cidade.

Nos anos 30, acrescida à intensa discussão dos problemas urbanos, a busca de uma linguagem moderna impõe-se à Capital Mineira e se difunde pelas cidades do interior. Em Belo Horizonte, a impossibilidade do desenvolvimento planejado da cidade se revelava por uma expansão desenfreada da *urbe*. Nesse período, coloca-

se a emergência de uma postura mais crítica com relação ao plano, além de novas oportunidades de formação profissional e de novos fóruns onde a cidade passa a ser discutida e reproposta.⁴ Ao mesmo tempo em que se discutem os rumos da cidade numa visão global, consolida-se o processo de renovação da arquitetura da cidade, na busca de um “estilo moderno”. A modernidade, já anunciada com o *art déco* – conhecido como estilo “cubista”, “futurista” ou simplesmente “moderno”, seria introduzida por meio de intervenções pontuais, que alterariam a fisionomia dos centros urbanos. Aos poucos, essas transformações acentuariam o contraste entre a tradição e a contemporaneidade, essa última representada por intervenções que enfatizavam partidos arquitetônicos caracterizados por “... linhas cruas e secas, cimento armado e ferro, ousadia de varandas sem apoio, em balanço de concreto, terraços em vez de telhados”⁵

A frente que inicialmente encampou o modernismo, em Minas Gerais, era constituída por intelectuais, artistas e escritores oriundos de regiões distintas do Estado. Já na década de 20, constatamos as primeiras manifestações artísticas individuais que, nos anos 30, se desdobrarão em exposições coletivas e salões. Vale mencionar iniciativas como a de Zina Aita – única artista do Estado que participou da Semana de 22, em São Paulo – cujo trabalho, exposto em 1920, revelava traços da modernidade artística do início do século XX. Nomes como Abgar Renault, Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura, João Alphonsus, Martins de Almeida, Milton Campos e Pedro Nava também se destacavam, tendo sido criado, em 1925, *A Revista*, veículo importante de difusão das novas idéias. Em Cataguazes, outro importante desdobramento foi a criação do grupo *Verde*, cujos representantes eram Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes, além de Guilhermino César e Francisco Inácio Peixoto.⁶ As manifestações poéticas e artísticas desse grupo, ainda em 1928, revelam o aspecto descentralizado do fenômeno do modernismo no Estado. Em Belo Horizonte, a Exposição de 36, constituindo o *1º Salão de Arte Moderna do Bar Brasil*, representou um marco para a consolidação do Modernismo em Minas Gerais. O *Salão do Bar Brasil* reuniu nomes como Jeanne Milde, Renato de Lima, Érico de Paula, Monsã, além de jovens arquitetos e estudantes de arquitetura, como J. Coury, Raphael Hardy Filho, Romeo de Paoli, Shakespeare Gomes e Santólia.⁷

Esse ambiente cultural, propício à introdução de novas idéias, foi ampliado com a fundação da Escola de Arquitetura, em 1930, por um grupo de arquitetos. A iniciativa contou com a colaboração de artistas, advogados, engenheiros e médicos.⁸ Assim, colocava-se a possibilidade da formação de arquitetos que traduzissem as tendências renovadoras, tanto na construção de edifícios quanto no planejamento das cidades. Esses profissionais permitiriam a introdução de novos paradigmas

para as intervenções urbanísticas. Progressivamente, os arquitetos dividiriam com os engenheiros, que sempre determinaram a tônica das discussões urbanísticas, a responsabilidade sobre os rumos da cidade. Vale ressaltar que, mesmo com a previsão de uma disciplina que contemplava o urbanismo, no sexto ano do curso, a ênfase das preocupações iniciais recaía sobre a composição estética das edificações. Por essa via, a estética urbana colocava-se como um problema relacionado ao urbanismo, constituindo-se em aspecto que contribuiria para o desenvolvimento futuro das cidades. Esse quadro se alteraria com a instalação do Curso de Urbanismo na Escola de Arquitetura, em 1948, voltado para a formação profissional de urbanistas. O curso tinha a duração de dois anos e possibilitou o estudo sistemático das teorias para as intervenções sobre as cidades, acrescido de ciclos de conferências, como as ministradas por Gaston Bardet, durante quatro meses, nos anos 50.

Do grupo de arquitetos que fundou a Escola de Arquitetura, destacamos a atuação de Luiz Signorelli⁹, Angelo Murgel¹⁰ e Raphael Hardy¹¹, diplomados pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), além de Raffaello Berti¹². Signorelli diplomou-se em 1925, recebendo a Medalha de Ouro. Murgel e Hardy vivenciaram mais de perto o ambiente de mudanças, o primeiro, diplomado em 1931, e o segundo, em 1937. A reforma do ensino da ENBA, promovida por Lucio Costa, em 1930, no curto período em que esteve à frente da direção da mesma, certamente não passou despercebida para esses profissionais. Cada qual ao seu modo, eles souberam aplicar princípios filiados, em maior ou menor grau, ao ideário difundido pelo Movimento Moderno numa escala mundial, através dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAMs), desde o primeiro encontro, realizado em 1928, em La Sarraz, na Suíça. No caso brasileiro, vale ressaltar, em particular, a importância das visitas de Le Corbusier, nos anos de 1929 e 1936, com referências diretas a esse movimento. A aplicação desse ideário se estenderia pelos horizontes de Minas Gerais, interferindo no desenvolvimento das cidades mineiras. No caso de Murgel, o acesso à modernidade propiciado pela contratação de novos professores foi direto. Além disso, Murgel teve contato com as idéias de Frank Lloyd Wright, que ministrou palestra na ENBA, no mesmo ano da sua formatura. Vale ressaltar ainda que Murgel e Signorelli tiveram uma atuação destacada na discussão dos problemas urbanos, particularmente junto à subcomissão de Arquitetura e Urbanismo da Comissão Técnica Consultiva de Belo Horizonte, instalada em 1934, como já mencionado. Nesse sentido, vale destacar também a sociedade entre Signorelli e Berti, em 1929, com várias propostas para Belo Horizonte e para cidades do interior do Estado. Berti trazia uma série de informações da Europa, além da experiência profissional no Rio de Janeiro, que certamente foram relevantes para a introdução das inovações correntes no panorama das cidades.

Ainda em 1930, Signorelli analisava diversos aspectos relacionados com a arquitetura da cidade, que passava por um momento importante da sua formação urbana.¹³ Já Murgel, em 1932, levantava questões relativas à inserção do novo edifício dos Correios e Telégrafos da cidade. Ele ressaltava que era "... preciso que se abandone de vez essa má compreensão do espírito moderno, que se manifesta em formas de pura fantasia, para ingressarmos nos seus verdadeiros métodos e doutrinas que se baseiam essencialmente na lógica constructiva e funcional."¹⁴ O moderno, para Murgel, era um fato consolidado na ação de diversos arquitetos e pensadores, dentre os quais citava escritos de Walter Gropius e Hermann Muthesius. Murgel destacava ainda que "...o moderno também não é estilo, porque estilo é tudo que já tem elementos e feições instituídas como dogmas, ao passo que a arquitetura sadia de hoje procura resolver cada caso de acordo com as suas necessidades peculiares. É a arquitetura funcional, a arquitetura da machina."¹⁵ Em 1933, acrescido à sua defesa de uma arquitetura moderna, o destaque sobre o que faltava a Belo Horizonte para ser uma grande cidade não tinha nada de pitoresco. A metrópole moderna se caracterizava pelas ruas largas e retas, pelo trânsito rápido de veículos, pelos prédios altos que afogariam a paisagem bucólica e o vergel existentes naquele momento. A standardização não seria limitada às construções, penetraria também nos hábitos das pessoas.¹⁶ Os prédios altos ressoavam a modernidade presente nas propostas para os grandes centros urbanos, "...mesmo a cidade ideal do professor Agache, de Le Corbusier e de Perret, a 'Ville-tour', é constituída de imensos edifícios, conservando entre si largas e determinantes distâncias, em cujos valles são localizados enormes parques; não ha poeira, que tem o seu logar delimitado ao centro das ruas, a ventilação é integral e a solaridade completa."¹⁷ Aqui já se esboçava a visão de uma cidade moderna, com grandes arranjos arquiteturais aliados à funcionalidade do ambiente urbano, tirando partido dos avanços tecnológicos propiciados pela industrialização. Essa concepção de uma cidade funcional e verticalizada, permeada por parques, remete-nos à idéia da cidade-verde corbusiana. Aliado a esse pensamento, colocava-se ainda o emprego de novos materiais, a produção em série e a racionalidade, em sintonia com as idéias difundidas pelo Movimento Moderno para as cidades.

Essa modernidade, anunciada e materializada através de realizações pontuais¹⁸, alcançaria, nos anos 40, com Oscar Niemeyer¹⁹, a dimensão de um conjunto urbano. Assim, temos o projeto para a Pampulha, sob a administração de Juscelino Kubitschek, em 1942, com extenso programa que envolvia cassino, igreja, hotel, restaurante e Casa de Baile, além de um late Clube e campo de golfe. O cassino possibilitava a inserção da Capital Mineira no circuito turístico do jogo e, aliado ao restaurante e à Casa de Baile, ofereceria opções noturnas de diversão. Essa última

foi implantada numa ilha artificial no lado oposto ao cassino, voltada para diversões populares. Foi pensada também uma outra ilha artificial com recantos pitorescos, no meio da lagoa, a Ilha dos Amores, com acesso apenas através de barcos. O campo de golfe seria instalado em um imenso parque. Outras instalações de apoio foram projetadas, como posto médico e policial, além de estação de tratamento de água. Esse programa foi inserido em um novo bairro, visando ao desenvolvimento da zona suburbana da cidade, através do turismo. O parcelamento desenvolvido por técnicos vinculados à Prefeitura envolvia a configuração de lotes residenciais tipo *standard*, com mil metros quadrados, num raio de quinhentos metros contados das margens da lagoa, esta criada pelo represamento do ribeirão Pampulha.²⁰ O conjunto projetado como uma “cidade satélite” teria uma avenida arborizada e iluminada que contornaria toda a extensão da barragem. A nova visão de cidade, acrescida de uma preocupação com a forma, contrastava com a realidade da ocupação urbana de Belo Horizonte. Os equipamentos dispersos de maneira monumental ao redor da lagoa, e o loteamento espraiado em meio ao verde, atrelados à publicidade em torno da Pampulha, contribuiriam para que esses conceitos ultrapassassem os horizontes do Estado.

Ainda durante a administração de Juscelino Kubitschek, outra iniciativa de impacto foi a construção de um conjunto habitacional, iniciada em 1942, em parceria com o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI). O local escolhido para a implementação do Conjunto dos Industriários abrigava uma imensa favela, a Prado Lopes, palco de frustradas tentativas de urbanização por parte de administrações anteriores. Nesse momento, o tema da habitação entrava na pauta das discussões dos problemas urbanos de Belo Horizonte. O Conjunto do IAPI (Figura 01), que teve a participação do engenheiro White Lirio da Silva, envolveu o agenciamento de blocos de prédios, inseridos em espaço público aberto, destinado a atividades de lazer e ao ajardinamento. Os blocos eram ligados por meio de passarelas suspensas, integrantes do sistema de circulação de cada unidade. A linguagem racional empregada e a monumentalidade do conjunto marcavam, de modo diferenciado, a paisagem urbana da cidade. Para Bonduki, “... trata-se do único empreendimento do período que é fortemente influenciado pelos *Höfe* vieneneses.”²¹ Destinado inicialmente a abrigar as três mil pessoas anteriormente residentes em barracões e cafuas de uma favela instalada na antiga Pedreira Prado Lopes, o conjunto acabou sendo ocupado por camadas melhor situadas, de industriários e funcionários da Prefeitura, além de ex-combatentes. Os antigos moradores da Pedreira foram relocados para uma outra área, adquirida pela Prefeitura para a construção de “um núcleo moderno, habitável”, que recebeu a denominação de Vila Operária do Mato da Lenha, situada em “meia encosta suave, à margem direita do Arrudas”.



Figura 1. Vista geral do Conjunto dos Industriários, do IAPI, em Belo Horizonte, em 1942.
Fonte: BONDUKI, Nabil. *Origens da Habitação Social no Brasil: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria*, p. 200.

Nesse período, merece menção o projeto do Grande Hotel de Ouro Preto, pelo impacto dessa intervenção na escala da velha cidade. A proposta que sobressaiu, de autoria de Niemeyer, colocava-se como um anúncio da presença da arquitetura moderna em Minas Gerais.²² O projeto envolveu a inserção de um grande equipamento, voltado para o turismo, no contexto colonial da antiga Capital do Estado. A solução tirava partido de bloco sobre pilotis, acompanhando as curvas de nível da encosta, e previa cobertura em laje plana com grama, para que não fosse percebido numa tomada geral da cidade. Niemeyer ressaltava que lançara mão de processos construtivos contemporâneos à sua época, sem nenhuma preocupação de imitar a aparência das edificações antigas, pretendendo que o novo hotel, em seu aspecto simples e despretensioso, se destacasse o menos possível na paisagem ouro-pretana. Tal estratégia conceitual não se mostrou totalmente oportuna – particularmente no que diz respeito ao emprego do terraço-jardim –, tendo recebido críticas de Lucio Costa, o que levou à revisão do projeto. Niemeyer elaborou, então, novo estudo, no qual incorporava as recomendações de Costa, bem como algumas modificações exigidas pelo prefeito da velha cidade. Bruand considerou de êxito indiscutível o partido desenvolvido, tendo em vista que “... o edifício conservava sua personalidade de obra atual e oferecia um jogo plástico autônomo, resultante do emprego da técnica construtiva contemporânea.”²³

Também como um prenúncio da arquitetura e do urbanismo modernos, em Minas Gerais, temos o processo desencadeado pelo Concurso de Monlevade, em 1934. Promovido pela Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, para a Cidade Operária de Monlevade, em região situada a cem quilômetros de Belo Horizonte, esse concurso contou com a participação de treze concorrentes. Essa iniciativa ofereceu uma oportunidade sem igual para que fossem aplicados princípios modernos na configuração de um aglomerado urbano. Dentre os concorrentes, destacamos a participação de Angelo Murgel, citado anteriormente, e de Lucio Costa. As propostas apresentadas por esses arquitetos revelam, em graus distintos, indícios da aplicação de princípios relacionados ao Movimento Moderno. Enquanto Murgel apresentou soluções tradicionais para o partido global, Costa introduzia, de modo pioneiro, as idéias de Le Corbusier, aplicadas em um conjunto urbano. Mesmo assim, Murgel preconizava uma linguagem moderna para o agenciamento das edificações, tendo evitado o que considerava inadequado, como o emprego de reconstituições históricas. O que se almejava – pelo menos no discurso – era a standardização racional dos componentes construtivos, em sintonia com os processos de fabricação em série. Já Costa tirava partido dos pilotis para a definição do conjunto, uma opção tecnológica que restituía ao morador a área ocupada pela construção, com a possibilidade de utilização do térreo. Além disso, as linhas retas, com partidos dispersos pelo verde, despojados de elementos decorativos e beirais reduzidos ao mínimo, ressoavam a modernidade da composição. A repercussão do concurso também ultrapassaria os limites do Estado, tendo em vista a publicação dessas propostas, em 1936, na Revista da Diretoria da Prefeitura do Distrito Federal.

A partir da metade dos anos 40, os apelos por uma cidade moderna – numa acepção relacionada ao Movimento Moderno – atingiriam um número maior de cidades. Esse processo contaria ainda com a importante participação de Niemeyer, mas envolveria também a ação de outros profissionais, predominantemente arquitetos. A linguagem moderna, composta em escalas diferenciadas, provocaria a ruptura dos tecidos urbanos tradicionais, através de intervenções pontuais e grandes planos de conjunto. Como veremos, os profissionais envolvidos, em sua grande maioria, não tiveram formação oriunda da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte. Nas propostas então desenvolvidas para as cidades mineiras, percebemos a assimilação de determinados princípios vinculados ao pensamento de Le Corbusier e às idéias difundidas através dos CIAMs, aliados a outras vertentes urbanísticas – como a do ideário *garden city*²⁴, em termos de agenciamento das edificações e da sua inserção no meio urbano. Nessas intervenções propostas, os estudos sobre a forma eram permeados por pesquisas de materiais e técnicas construtivas. Também se constata uma nova concepção de espaço público, na qual a integração do

edifício com a cidade é maior, permeada por inserções artísticas e paisagísticas – esculturas, pintura mural e azulejos se conjugavam com diferentes espécies de vegetais –, o que ampliava o espaço limitado e definido da rua na cidade tradicional. Como veremos, apesar do impacto na modernização das cidades, grande parte dessas intervenções – excetuando-se propostas de cidades novas –, não estavam atreladas ao planejamento global do desenvolvimento urbano.

De início, temos a atuação profissional do arquiteto Francisco Bolonha²⁵. Já em 1945, ano da sua diplomação, Bolonha desenvolveu o projeto do Complexo de Águas de Araxá (Figura 02). O conjunto envolveu a implantação de equipamentos públicos em um extenso parque. A linguagem adotada revela uma proximidade conceitual com a Pampulha de Niemeyer, pela solução composta por “...une armature de béton armé très libre, une légèrè paroi vitrée, des revêtements polychromes en céramique, un jeu de courbes en plan et dans le tracé de la pièce d’eau qui entoure le pavillon”²⁶. A proposta se inseria em área de expansão da cidade de Araxá, compreendida pelo Barreiro do Araxá, para a qual, em 1933, fora definido um plano de conjunto pelo engenheiro Lincoln Continentino. O projeto atendia aos interesses do Governo do Estado na remodelação geral daquela Estância Hidromineral.²⁷



Figura 02: Vista parcial do Complexo de Águas de Araxá, por Francisco Bolonha, em 1945.
Fonte: *ARCHITECTURE D'AUJOURDUI*, setembro de 1947. p.76.

Bolonha projetaria ainda, em Cataguazes, em 1951, uma maternidade, e, no mesmo período, um conjunto de habitações operárias, que evidenciavam as inovações possibilitadas pela linguagem moderna no tratamento dos espaços públicos. Nesse conjunto operário, as casas geminadas foram dispostas com jardim frontal e acesso direto, sem muro ou grades, junto à rua arborizada. O espaço ampliado do arruamento, aliado à utilização de painéis de vedação frontais em combogó e cobertura em telhas cerâmicas aparentes, revelava as possibilidades do diálogo entre

a tradição e a modernidade. Bolonha já havia projetado, em 1953, o Conjunto Residencial da Ilha de Paquetá, composto por casas econômicas promovidas pela Prefeitura do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Nessas propostas, o arquiteto demonstrava preocupações plásticas no jogo de volumes, acompanhadas com obras de arte integradas, além de um tratamento diferenciado que valorizava os espaços públicos.²⁸

Em 1951, Niemeyer abordou, em Diamantina, temas diversos de grande impacto para a cidade, cujo passado remonta ao período colonial. Assim, foram projetados um hotel para turismo, uma escola e um complexo esportivo (Figura 03). Nesse último, Niemeyer abordou o problema dos arcos e abóbadas de grandes vãos. Essa solução foi aplicada também no Clube Sírio Libanês, em Belo Horizonte, o que revela a generalização de soluções para o mesmo tema, em locais distintos.

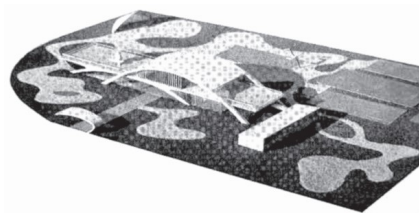


Figura 3. Maquete do Clube projetado para Diamantina (MG) por Oscar Niemeyer, em 1951.
Fonte: MINDLIN, Henrique E..
Modern Architecture in Brazil.

Niemeyer desenvolveu também, em 1953-54, o projeto para o Conjunto Governador Juscelino Kubitschek, em Belo Horizonte, como uma verdadeira unidade de habitação. O programa definido dotava "... o Conjunto – que será uma cidade dentro da cidade dos mais completos requisitos de modo a constituir-se em centro artístico, cultural, desportivo, social e turístico de características inéditas e proporções grandiosas num dos mais belos logradouros de Belo Horizonte"²⁹. A proposta incluía a articulação de habitações coletivas em sete tipos diferenciados, hotel, instalações para departamentos públicos, estação rodoviária e centro comercial. A estação era dotada de mercado e restaurante popular, além de compartimentos de serviços e de apoio. O terreno era circundado por extensas áreas ajardinadas, contíguas à praça de esportes e piscina olímpica, com acesso até o hall do hotel e dos apartamentos. Foram previstos serviços postais e telegráficos, agências de turismo e bancárias, lojas para comércio especializado, boate e museu de arte. As torres projetadas com imponência – uma com vinte e dois e outra com trinta e seis pavimentos – destacavam-se na paisagem da cidade. O Conjunto Kubitschek inseria um novo modo de vida, com grande autonomia, no coração da cidade. Nesse mesmo período, também merece destaque a proposta para o Colégio Estadual de Belo Horizonte, do mesmo Niemeyer, como uma intervenção relevante, em termos de escala urbanística. A implantação dos blocos edificadas, soltos em extenso quarteirão, com o perfil de um parque, contrastava com a ocupação já consolidada do entorno. O programa definido incluía salas de aula, auditório, administração e serviços, bem como praça de esportes e lazer. O complexo escolar reforçava a visão

de um espaço público aberto, já incorporada no rol das propostas desse arquiteto para Belo Horizonte, bem como para outras cidades do Estado.

Também em 1954, intervenções de conjunto, elaboradas numa linguagem moderna, foram desenvolvidas para várias cidades mineiras. Assim, a proposta para o bairro Cidade-Jardim Eldorado (Figura 04), de autoria do arquiteto Sérgio Bernardes³⁰, envolvia o parcelamento de gleba contígua à Cidade Industrial de Belo Horizonte, no Município de Contagem, para a implantação de conjuntos residenciais auto-suficientes. Vale ressaltar que a criação do então Parque Industrial do Ferrugem – posteriormente Cidade Industrial – colocava-se como estratégica dentro do plano de recuperação econômica do Estado. Acompanhando as inovações implementadas nesse parque industrial – composto por hexágonos concêntricos irradiados a partir de uma praça central –, o projeto para o Bairro Eldorado inseria “... a primeira unidade de vizinhança a ser levantada, observando-se as regras de urbanismo moderno”³¹, composta por quatro bairros semi-autônomos que convergiam para a praça cívica, igreja e centro de esportes esse último incluindo um clube náutico. Para cada um desses bairros, previa-se a construção de uma escola, um cinema e um centro comercial, além de áreas reservadas para lazer que incluíam parques infantis. A linguagem moderna dos equipamentos projetados revelava-se pelo uso de materiais diversificados e soluções inusitadas. Estruturas delgadas em madeira, ferro e concreto armado, tirantes metálicos e partidos arquitetônicos originais conjugavam-se com aberturas zenitais e grandes panos de vidro. Foram projetados ainda, dentro dessa mesma poética, um clube náutico e uma estação ferroviária.

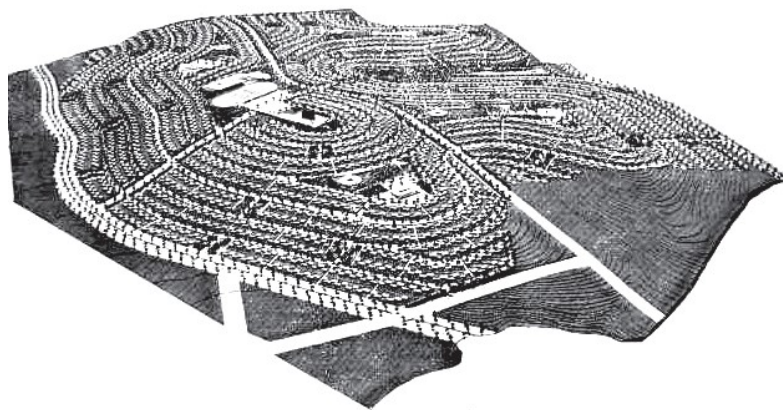


Figura 4. Vista da maquete do conjunto da Cidade-Jardim Eldorado, por Sérgio Bernardes, em 1954.

Fonte: BERNARDES, Sérgio W. *Cidade Jardim Eldorado - Contagem, MG. ARQUITETURA E ENGENHARIA*, 6. Jul. Set. 1954

Em Uberaba, nesse mesmo período, temos a implementação de um complexo esportivo por Icaro de Castro Mello³², constituído pelo Jockey Clube, que abrangia parte significativa dessa cidade, localizada na região do Triângulo Mineiro. A articu-

lação funcional do conjunto (Figura 05), definido em blocos distintos, envolveu programa composto por estacionamento, ginásio, sede social, equipamentos de apoio e esportivos. Os blocos intercalados por áreas esportivas foram organizados de maneira racional. O predomínio do volume definido para o ginásio realçava o aspecto plástico da solução estrutural adotada para o conjunto. A implantação do projeto, prevista de maneira deslocada a 45 graus, no entorno de um loteamento convencional disposto em quadriculas ortogonais, contribuía para um maior destaque dessa proposta na paisagem urbana da cidade.

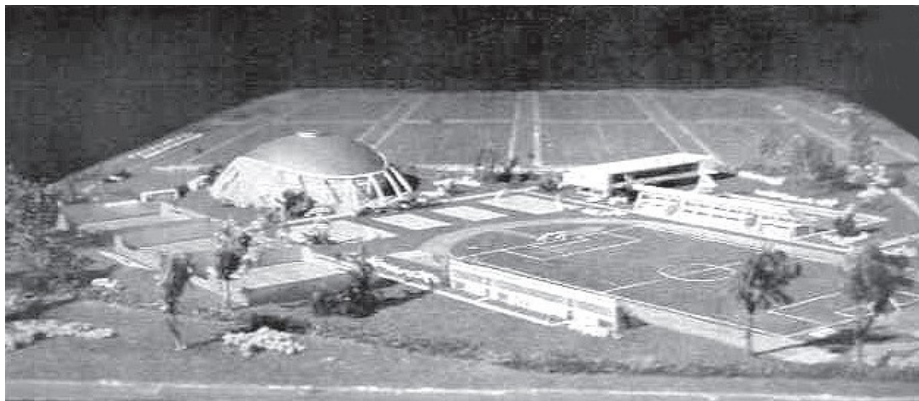


Figura 5. Vista da maquete do Jockey Clube de Uberaba, por Ícaro de Castro Mello, em 1954.
Fonte: BAC, nº5, p.35.

Em Belo Horizonte, o planejamento da Cidade Universitária da Pampulha desenvolveu-se em um processo longo, iniciado em 1928, no concurso para o campus da Universidade de Minas Gerais, tendo gerado discussões polêmicas que se estenderam até os anos 50. O concurso contou com a participação de vinte e três concorrentes, dentre os quais os arquitetos Angelo Bruhns, Eduardo V. Pederneiras e Flávio de Carvalho. A proposta vencedora, do Escritório Pederneiras, do Rio de Janeiro, foi muito criticada pela solução global e pelo partido adotado para as unidades, o que gerou a revisão do projeto e o seu posterior abandono.³³ Em 1955, as obras, em andamento, revelavam as inovações tecnológicas e a linguagem urbanística modernas incorporadas pela Comissão de Planejamento e Construção, tendo à frente o arquiteto Eduardo Mendes Guimarães³⁴. Como uma extensão do campus, Guimarães projetou, em colaboração com Gaspar Barreto, um complexo esportivo com programa que envolvia um estádio coberto, o Mineirão, com capacidade para cem mil pessoas.

Em 1955, Henrique Ephin Mindlin³⁵ desenvolveu o projeto para o Conjunto de Moradias para a Companhia Siderúrgica Mannesman (Figura 06) no Barreiro, um

distrito de Belo Horizonte. O conjunto aglutinava-se em torno da fábrica, como uma verdadeira cidade nova, com amplo programa para atender a uma população de cerca de doze a treze mil habitantes. A intenção da proposta era "... atender ao interesse permanente que há de ligar a Companhia Siderúrgica Mannesmann ao Conjunto Residencial, determinando um nível de qualidade urbanística e arquitetural compatível com a necessidade de reduzir não só os custos de manutenção e renovação, como o obsolescência – obsolescência esse que fatalmente derivaria de qualquer aspecto especulativo que tivesse o empreendimento."³⁶ Para a primeira etapa de realização do plano, foram definidos cinco núcleos de habitação hierarquizados, distribuídos pela área do terreno. Esses núcleos foram articulados em torno dos edifícios de uso geral, "... relativos à administração do Conjunto, abastecimento, comércio, recreação e esportes, instrução e cultura, assistência social, saúde e culto religioso."³⁷ Para cada núcleo, ainda foram previstos equipamentos específicos, como creche, escola, mercado e posto de saúde. As tipologias das moradias envolviam blocos de três pavimentos e casas geminadas. A implantação dos núcleos em grandes ajardinados visava a inserir "... as edificações projetadas (...) de modo a criar o máximo espaço livre possível, dentro da alta densidade exigida pelo programa. As vias de trajeto, não cruzam essa área, e apenas penetram no parque o necessário para estabelecer ligação adequada com as vias periféricas principais."³⁸ Na tomada geral do conjunto, em perspectiva, feita por Mindlin, percebemos a diferenciação dos setores residenciais e o núcleo central de convivência, além do perfil hierarquizado do sistema viário.

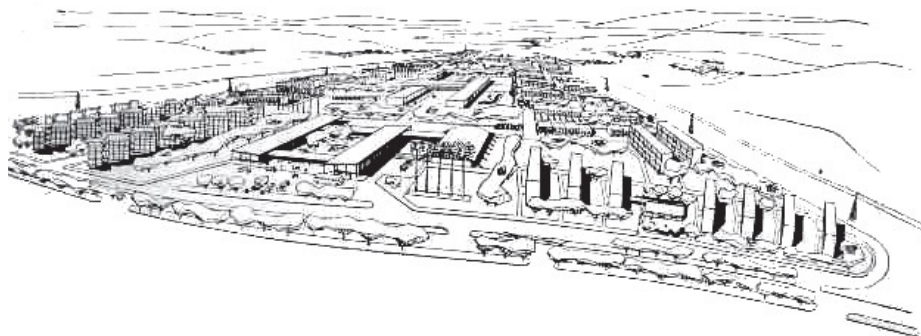


Figura 6. Perspectiva geral de núcleo do Conjunto de Moradias para a Companhia Siderúrgica Mannesman, em 1955, por Henrique Mindlin.

Fonte: MINDLIN, Henrique E. *Conjunto Residencial para a Cia. Siderúrgica Mannesmann*, em Barreiro, M. Gerais: primeiro núcleo do conjunto.

Outra importante intervenção configurou-se pelo projeto desenvolvido por Raphael Hardy Filho, em 1957, para a cidade de Ipatinga (Figura 07). A proposta dessa cidade nova envolveu o agenciamento de um núcleo urbano contíguo às instalações das Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A. – USIMINAS. O projeto para a nova

cidade industrial, de acordo com Hardy, compreendia o agenciamento de “... um pequeno aglomerado urbano previsto para 200.000 habitantes que se destina a dar suporte humano à usina siderúrgica da Usiminas e à Refinaria Gabriel Passos, em Belo Horizonte, que estou planejando, em equipe, com dois renomados arquitetos brasileiros: Eduardo Mendes Guimarães Jr. e Marcos Konder Neto.”³⁹ O plano de urbanização para Ipatinga visava ao controle da expansão do núcleo urbano, além da criação de condições de alojamento para os funcionários e operários nas proximidades da empresa. A concepção pensada por Hardy considerava que, “... desde o início, a cidade deveria ser projetada em termos de comunidade aberta, na qual, passada a fase inicial de construção e implantação, a livre iniciativa passasse a atuar cada vez com maior intensidade.”⁴⁰ Foram definidos núcleos residenciais como unidades de vizinhança autônomas, com as moradias divididas hierarquicamente por classe de funcionários, engenheiros e operários. Cada bairro projetado previa instalações comerciais, escolas, e equipamentos de saúde e lazer. As quadras foram divididas em habitações individuais e coletivas, essas últimas com prédios de três pavimentos. O sistema viário previa a separação do tráfego em vias de penetração e coletoras, evitando-se movimentos intensos no interior das quadras. Foi projetado ainda um centro cívico-administrativo, com equipamentos como fórum, biblioteca, prefeitura, central de polícia e bombeiros; e um centro comunal, com a previsão de atividades comerciais mais diversificadas e de lazer, incluindo cinemas, auditórios, clubes sociais e recreativos. Contígua à área destinada aos centros cívico-administrativo e comunal, foi pensada uma zona hoteleira, para atender aos funcionários e operários solteiros, bem como à população flutuante de vendedores, representantes, compradores e visitantes. O projeto urbanístico elaborado por Hardy foi avaliado e aprovado por Lucio Costa, “... parecendo-lhe bem concebido e capaz de satisfazer integralmente aos propósitos da urbanização programada.”⁴¹

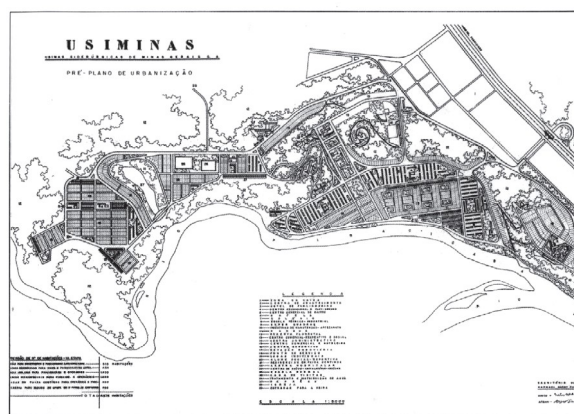


Figura 7. Implantação geral da cidade de Ipatinga (MG), em 1957, por Raphael Hardy Filho.
Fonte: MINAS GERAIS. *USIMINAS conta a sua história*.

Em 1965, temos a proposta apresentada por Arthur Arcuri⁴² no concurso para o campus da Universidade Federal de Juiz de Fora, definida através de um plano urbanístico setorizado, que incluía um sistema viário adaptado à topografia do sítio. A concorrência para a implementação do projeto envolveu quatro propostas, de profissionais oriundos do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, além daquela vencedora, do próprio Arcuri. Essa setorização, projetada em amplos espaços abertos, levava em conta funções específicas relacionadas ao ensino, pesquisa, esportes e lazer. Na parte central do campus, foi pensada uma Praça Cívica, composta por equipamentos culturais como a Casa das Artes, com teatro e sala para concertos musicais. Foi pensado também um edifício em sistema monobloco, que abrigaria, além da reitoria, restaurante, biblioteca, e clubes para professores e estudantes. A linguagem racional do conjunto, acrescida da padronização funcional para os blocos, evidenciava a vinculação de Arcuri ao ideário modernista. Contribuiu para isso o contato com personalidades como Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Burle Marx que, na época, já eram reconhecidos como representantes da vanguarda do Movimento Moderno no Brasil.

Esse extenso panorama aqui apresentado, que envolve propostas e realizações para as cidades mineiras, revela o processo multifacetado da penetração do ideário relacionado ao Movimento Moderno no Estado de Minas Gerais. Temáticas distintas foram abordadas em intervenções pontuais, planos de expansão e propostas para a criação de cidades novas. Vertentes diferenciadas do urbanismo moderno comparecem, em muitos casos, conjugadas de maneira simultânea. É o que constatamos pela análise de conjuntos como a Pampulha e a Cidade-Jardim Eldorado, e, mesmo, de propostas de cidades novas, como foi o caso de Monlevade. Enquanto para os equipamentos propostos sobressai uma linguagem moderna, materializada pelos partidos adotados e amplos espaços públicos criados, os planos de conjunto revelavam inspirações em outros modelos, como o ideário *garden-city*, tendo o sistema viário adaptado aos sítios de implantação como um dos principais aspectos. Além disso, as intervenções propostas, particularmente aquelas que envolveram a inserção de objetos urbanos de grande porte, ocorreram em estruturas já consolidadas. Nesse sentido, constata-se que, em muitos casos, a modernização das cidades pela inserção dos paradigmas do Movimento Moderno, foi implementada através de projetos arquitetônicos desconectados de um planejamento global. Mesmo assim, não se pode desprezar o impacto dessas intervenções na dinâmica urbana e o significado delas nas transformações urbanísticas, ainda mais em se tratando de pequenas e médias cidades. Os novos conceitos de cidade embutidos nessas proposições passavam a fazer parte da rotina dos moradores e do discurso dos seus administradores públicos. Afinal, por meio dessas intervenções, ocorria a modificação do panorama das cidades, pela nova lin-

guagem das edificações inseridas no conjunto urbano, bem como pela qualidade e característica diferenciadas dos seus espaços públicos, o que ampliava o espaço da rua tradicional e alterava a lógica fragmentada das ocupações urbanas.

A esse leque de proposições, algumas realizadas, outras não, somavam-se debates e palestras que reforçavam o papel do arquiteto nas intervenções sobre as cidades. Por essa via, coloca-se a importância do Curso de Urbanismo da EAUMG, citado anteriormente, além das publicações dessa escola, na difusão de conceitos e experiências do urbanismo, que, como já visto, iam além da concepção de cidade relacionada ao Movimento Moderno.⁴³ Paradoxalmente, como já fizemos menção, constata-se que a participação dos arquitetos e urbanistas mineiros, no período aqui abordado, na grande maioria das intervenções urbanísticas levantadas, configurou-se como uma exceção. Grande parte dessas intervenções não estavam atreladas a planos de conjunto, de acordo com as regras do urbanismo moderno, em particular com aquelas relacionadas ao ideário do Movimento Moderno. Nesse sentido, constata-se também que, diferentemente da preocupação teórica abrangente dos engenheiros – que buscavam uma definição para o urbanismo como disciplina e se especializavam neste campo – os arquitetos, com poucas exceções, não demonstravam interesse nessas questões mais amplas, relacionadas com o objeto cidade. Enfim, muito mais poderia ser dito sobre a temática aqui abordada, ainda que como hipóteses a serem demonstradas ou mesmo desmontadas, em outras futuras aproximações. Ficam aqui essas primeiras conclusões...

Fabio Jose Martins de Lima é professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Notas

¹ Este texto representa uma continuação de estudos anteriores na rede de pesquisa Urbanismo.br, sob a coordenação da Prof^a Maria Cristina da Silva Leme (FAUUSP). Em 2002, trabalho desenvolvido com o Prof. Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes (FAUFBA), também vinculado a esta rede, explorava, de maneira mais ampla, o mesmo tema, no artigo *Urbanismo Modernista no Brasil: Revisitando suas Articulações Internacionais*, apresentado no IV DOCOMOMO, realizado em Viçosa, MG. No presente artigo, também foram desencadeadas discussões com o referido professor, além da colaboração da arquiteta Raquel Portes e das alunas bolsistas de I.C. do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharia da UFJF, Cassia Mota, Larissa Carvalho, Mariana Couto e Rosilene Barison. Este texto é parte integrante da pesquisa intitulada *Urbanismo em Minas Gerais: idealizações e realizações urbanísticas em jogo nas cidades mineiras (1864-1964)*, desenvolvida com o apoio da UFJF, do CNPQ e da FAPEMIG.

² Pelo Decreto nº 3.195, de 17 de junho de 1911, deu-se a criação, pelo governo do estado de Minas Gerais, da Comissão Mineira de Melhoramentos Municipais. Ver: NEVES, Lourenço Baeta. *Higiene das Cidades*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1912.

³ A Comissão Técnica Consultiva de Belo Horizonte foi criada em 1934, na gestão do prefeito José Soares de Mattos, a exemplo de “grandes e adiantadas cidades, especialmente americanas”. Ver: MATTOS, José Soares de *Comissão Técnica Consultiva da Cidade de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1935.

⁴ Ver: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras & LIMA, Fabio Jose Martins de. Pensamento e prática urbanística em Belo Horizonte: 1895-1961. In: LEME, Maria Cristina da Silva (org.). *Urbanismo no Brasil: 1895-1965*. São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM, 1999, p.122.

⁵ Ver: CASTRIOTA, Leonardo Barci (org.). *Arquitetura da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p.25.

⁶ BRAGA, Raquel Dias Vieira. *Os riscos da arquitetura contemporânea em Minas Gerais*. São Paulo: 2004, Tese de Doutorado - FAUUSP.

⁷ Ver: CASTRIOTA, *op. cit.*, p.156.

⁸ Inicialmente, o curso tinha a denominação de Escola de Belas Artes de Belo Horizonte, logo transformada em Escola de Arquitetura, a 5 de agosto de 1930, vinculada à Prefeitura. Apenas em 3 de agosto de 1946 deu-se a incorporação da escola à Universidade de Minas Gerais e, em 1949, a sua federalização. A escola formava engenheiros-arquitetos e tinha como modelo de organização didática a seção de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes, do Rio de Janeiro. O curso contava, no seu quadro de professores, com engenheiros, arquitetos e artistas. Os engenheiros se incumbiam das cadeiras de ciências aplicadas e técnicas, incluindo o urbanismo; os arquitetos se encarregavam da perspectiva, teoria e filosofia da arquitetura, pequenas e grandes composições arquitetônicas, arquitetura analítica e arte decorativa. Por fim, os artistas se incumbiam do desenho e da modelagem. Dentre os arquitetos atuantes na cidade, colaboraram para a criação da escola Luiz Signorelli, Raffaello Berti, Raphael Hardy e Angelo Murgel. Ver: GOMES & LIMA, *op. cit.*, p.126.

⁹ Luiz Signorelli nasceu em 1896, na cidade de Cristina (MG) e faleceu em 1964, em Belo Horizonte. Teve uma atuação destacada na cidade, com vários projetos, dentre os quais aqueles associados ao arquiteto Raffaello Berti. Reuniu em torno de si o grupo que fundou a Escola de Arquitetura de Belo Horizonte.

¹⁰ Angelo Alberto Murgel nasceu em Cataguazes (MG), em 1907, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1978. Transferiu-se para Belo Horizonte no mesmo ano da sua formatura, tendo desenvolvido inúmeras propostas para a cidade, além de projetos para outras cidades mineiras e o ensino na Escola de Arquitetura da UMG. A sua vinculação ao Ministério da Agricultura, em 1937, fez com que retornasse ao Rio de Janeiro, onde fixou residência. Seguiu a sua atuação profissional, com diversos projetos no âmbito do Ministério e, posteriormente, no ensino da então Faculdade Nacional de Arquitetura, antiga ENBA.

¹¹ Raphael Hardy Filho nasceu em Viçosa (MG) em 1917, e faleceu em 2005, em Belo Horizonte. Desenvolveu diversas propostas para Belo Horizonte e para cidades do interior do Estado. Juntamente com Eduardo M. Guimarães e Marcos Konder Netto, participou do projeto da Refinaria Gabriel Passos da Petrobrás.

¹² Raffaello Berti nasceu em Collesalvetti, Província de Pisa, na Itália, em 1900, e faleceu em Belo Horizonte, no ano de 1972. Transferiu-se para o Brasil em 1922, recém-formado no ano anterior, pela *Real Academia de Belle Arti* de Carrara, na Itália. No mesmo ano de 1922, no Rio de Janeiro, estabeleceu vínculo de trabalho com o Escritório Memória e Cuchet, onde permaneceu até o ano de 1929. A sua transferência para Belo Horizonte, nesse ano, deu início a uma trajetória de atuação intensa que marcaria definitivamente o ambiente urbano da Capital Mineira.

¹³ SIGNORELLI, Luiz. Belo Horizonte vista por um arquiteto. *ESTADO DE MINAS*. Belo Horizonte, 11 de maio de 1930, p.1.

¹⁴ MURGEL, Angelo. Um problema de esthetica urbana numa obra de utilidade pública. *DIÁRIO DA TARDE*. Belo Horizonte: 10 de novembro de 1932. Entrevista concedida ao jornal.

¹⁵ MURGEL, Angelo. A architecture em Bello Horizonte. *ESTADO DE MINAS*. Belo Horizonte: recorte de artigo de jornal sem data, no acervo pessoal de Angelo Murgel.

¹⁶ MURGEL, Angelo. Que falta a Belo Horizonte para ser uma grande cidade? Responde-nos o arquiteto Angelo Murgel. *CORREIO MINEIRO*. Belo Horizonte: 22 de junho de 1933, p.8.

¹⁷ MURGEL, Angelo. A expansão suburbana de Bello Horizonte e os problemas que della decorrem. *ESTADO DE MINAS*. Belo Horizonte: recorte de artigo de jornal sem data, no acervo pessoal de Angelo Murgel.

¹⁸ Podemos citar, em Belo Horizonte, a inserção de obras como o abrigo de bondes, em 1926, por Signorelli, pela sua visibilidade na cidade; o Cine Brasil, por Murgel, em 1932; a sede da prefeitura e o Colégio Marconi, por Berti, respectivamente, em 1935 e 1939.

¹⁹ Oscar Niemeyer nasceu em 1907, no Rio de Janeiro, tendo se diplomado em 1934 pela ENBA. A sua vasta atuação profissional envolveu projetos diferenciados e programas os mais variados, de casas a cidades, no Brasil e no exterior.

²⁰ O parcelamento adotado para a Pampulha remete-nos ao traçado do Bairro Cidade-Jardim "Fazenda Velha", proposta feita por Lincoln Continentino, para área contígua à Avenida do Contorno, no seu plano de urbanização para Belo Horizonte, desde a administração José Oswaldo de Araújo, entre os anos 38 e 40. Ver: GOMES & LIMA, *op. cit.*, p.129.

²¹ BONDUKI, Nabil. *Origens da Habitação Social no Brasil: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria*. São Paulo: Estação Liberdade; FAPESP, 1998. p.174.

²² Em 1938, o governo mineiro decidiu construir um hotel em Ouro Preto, com vistas a explorar o potencial turístico da cidade. Foi solicitado, então, ao Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), a elaboração de um projeto, de modo que a nova construção fosse compatível com a arquitetura antiga. A proposta inicial, do arquiteto Carlos Leão, tinha como preocupação fundamental seguir as linhas tipológicas da arquitetura local, de modo a obter o mínimo de contraste e o máximo de integração. Mesmo tendo agradado ao Governo do Estado, a solução, que remetia ao neocolonial, não foi aceita no âmbito do SPHAN, o que fez com que Niemeyer fosse designado para rever a proposta. Ver: CAVALCANTI, Lauro. *As preocupações do belo*. Rio de Janeiro: Tauru Editora, 1995, 222 p.

²³ BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981, p. 108.

- ²⁴ A formulação do ideário *Garden City*, desenvolvido por Ebenezer Howard, publicado como *Tomorrow: a Peaceful Path to Real Reform*, em 1898, configurou-se como importante referencial para as intervenções sobre as cidades, em particular para as propostas desenvolvidas para as cidades brasileiras na primeira metade do século XX. Como um desdobramento do ideário howardiano, em 1899, a criação da *Garden City Association* permitiu a difusão dessas idéias numa escala mundial.
- ²⁵ Francisco Bolonha nasceu em Belém do Pará, em 3 de janeiro de 1922. Diplomou-se em 1945 pela ENBA. Atuou no Rio de Janeiro, com projetos para a Prefeitura do então Distrito Federal. Desenvolveu propostas para cidades do interior de Minas Gerais, como Juiz de Fora e Cataguazes, além de intervenções em Araxá.
- ²⁶ *ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI*, setembro de 1947, p.76.
- ²⁷ Sobre a proposta desenvolvida para o Barreiro do Araxá, por Continentino, ver: LIMA, Fabio Jose Martins de. *Por uma cidade moderna: Ideários de urbanismo em jogo no concurso para Monlevade e nos projetos destacados da trajetória dos técnicos concorrentes (1931-1943)*. São Paulo: 2003. Tese de Doutorado - FAUUSP, p.193-196.
- ²⁸ BRUAND, op. cit., p. 108.
- ²⁹ BELO HORIZONTE. *Conjunto Governador Kubitschek - Oscar Niemeyer, arquiteto; Joaquim Rolla, incorporador*. ARQUITETURA E ENGENHARIA. Belo Horizonte, cópia sem data.
- ³⁰ Sérgio Bernardes nasceu no Rio de Janeiro em 1919 e faleceu em 2002. Diplomou-se em 1948 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, tendo ali lecionado posteriormente. Também desempenhou atividades acadêmicas no exterior. A sua trajetória profissional foi extensa, com propostas para várias cidades brasileiras e participação, com premiação, em concursos nacionais e internacionais.
- ³¹ BERNARDES, Sérgio W. Cidade Jardim Eldorado - Contagem, M.G. *ARQUITETURA E ENGENHARIA*. Belo Horizonte: vol.6, jul./set. 1954, pp.16-25.
- ³² Icaro de Castro Mello nasceu em São Vicente (SP) em 22 de outubro de 1913. Diplomou-se pela Escola E. Mackenzie e pela Escola Politécnica da USP, em 1935.
- ³³ A solução vencedora foi muito criticada pelo IAB/MG, que lançou um manifesto em 1951, o qual gerou a completa revisão do plano, em função das análises feitas por comissões técnicas. Ver: CONTINENTINO, Lincoln et al.. *Cidade Universitária: Memorial da Comissão Técnica de Revisão - Legislação, Contratos e Pareceres sobre o planejamento e organização atuais*. Belo Horizonte: UMG, 1955. Ver também: GOMES & LIMA, op. cit., p.130.
- ³⁴ Eduardo Mendes Guimarães Júnior nasceu em Mariana (MG), em 1920, e faleceu em 1968. Diplomou-se pela Escola de Arquitetura da UMG, em 1945. Foi muito influenciado por Henrique Mindlin, sempre buscando uma sólida conceituação teórica para os seus projetos. Defendeu tese de doutoramento intitulada *Forma e Conteúdo da Arquitetura Contemporânea*. Realizou vários projetos, dentre os quais o da Refinaria Gabriel Passos da Petrobrás, em Betim (MG), juntamente com Raphael Hardy Filho e Marcos Konder Netto. Lecionou na EAUMG, entre os anos de 1948 e 1960.
- ³⁵ Henrique Ephim Mindlin nasceu a 1 de fevereiro de 1911, em São Paulo (SP). Diplomou-se pela Escola E. Mackenzie, em 1932.
- ³⁶ MINDLIN, Henrique E.. Conjunto Residencial para a Cia. Siderúrgica Mannesmann, em Barreiro, M. Gerais: primeiro núcleo do conjunto. *BAC*, nº 7, 1956, p.20.
- ³⁷ MINDLIN, *idem, idem*.
- ³⁸ MINDLIN, *idem*, p.23.
- ³⁹ HARDY FILHO, Raphael. *Pesquisa e Planejamento*. Belo Horizonte: Serviço Gráfico da Escola de Arquitetura da UMG, 1965, p.2.
- ⁴⁰ MINAS GERAIS. *Usiminas conta sua história*. Belo Horizonte: Assessoria de Comunicação Social, 1990, p.77.
- ⁴¹ MINAS GERAIS. *Usiminas conta sua história, op. cit., p.75*.
- ⁴² Arthur Arcuri diplomou-se em Engenharia Civil pela Escola Nacional de Engenharia no Rio de Janeiro, em 1937, tendo feito cursos de especialização em engenharia nessa mesma escola. Nesse período, freqüentou a biblioteca da Escola Nacional de Belas Artes, declarando-se autodidata em arquitetura, fotografia e artes plásticas, o que lhe permitiu, posteriormente, ocupar a cadeira de História da Arte na antiga Faculdade de Filosofia, que depois veio a ser incorporada à Universidade Federal de Juiz de Fora. Desenvolveu inúmeros projetos para a cidade de Juiz de Fora (MG).
- ⁴³ Nesse sentido, ver a publicação, dentre outros, da *Carta de Atenas* pelo Diretório Acadêmico da Escola de Arquitetura, em 1964, e palestras ministradas, como a de Edgar Graeff, publicada em 1959, e a de Raphael Hardy, em 1964. Ver: GRAEFF, Edgar. *A arquitetura e o homem*. Belo Horizonte: EAUMG, 1959; e ver também: HARDY FILHO, Raphael. *Pesquisa e Planejamento, op. cit.*

Bibliografia

- BERTI, Selma Mendes. *Rafaello Bertí, Arquiteto*. Belo Horizonte: A.P. Cultural, 2000.
- BRAGA, Raquel Dias Vieira. *Os Riscos da Arquitetura Contemporânea em Minas Gerais*. São Paulo: 2004, Tese. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.
- BONDUKI, Nabil. *Origens da Habitação Social no Brasil: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria*. São Paulo: Estação Liberdade; FAPESP, 1998.
- BUENO, Antonio Sergio. *O Modernismo em Belo Horizonte: Década de Vinte*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci (org.). *Arquitetura da Modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CAVALCANTI, Lauro. *As Preocupações do Belo*. Rio de Janeiro: Tauru Editora, 1995.
- CONTINENTINO, Lincoln et al. *Cidade Universitária: Memorial da Comissão Técnica de Revisão – Legislação, Contratos e Pareceres sobre o Planejamento e Organização Atuais*. Belo Horizonte: UMG, 1955.
- COSTA, Lucio. *Lucio Costa: Registro de uma Vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1997.
- COUTO, Beatriz. *O Ensino do Urbanismo*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da U.F.M.G., 1989.
- GRAEFF, Edgar. *A Arquitetura e o Homem*. Belo Horizonte: EAUMG, 1959.
- GUIMARÃES, Eduardo Mendes. Forma e Racionalismo na Arquitetura Contemporânea Brasileira. In: XAVIER, Alberto. *Arquitetura Moderna Brasileira: Depoimentos de uma Geração*. São Paulo: PINI; Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura; Fundação Vilanova Artigas, 1987, pp. 203-208.
- GOODWIN, Philip L. *Brazil Builds: Architecture, New and Old 1652-1942*. New York: The Museum of Modern Art, 1943.
- HARDY FILHO, Raphael. *Pesquisa e Planejamento*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UMG, 1965, Conferência pronunciada em Juiz de Fora em 5 de outubro de 1964.
- LEME, Maria Cristina da Silva (org.). *Urbanismo no Brasil: 1895-1965*. São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM, 1999.
- LIMA, Fabio Jose Martins de. *Por uma Cidade Moderna: Ideários de Urbanismo em Jogo no Concurso para Moradia e nos Projetos Destacados da Trajetória dos Técnicos Concorrentes (1931-1943)*. São Paulo: 2003, Tese. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
- LIMA, Fabio Jose Martins de. Problemas de Urbanismo em Minas Gerais nos Anos 30. ENCONTRO DA ANPUR, 9, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: ANPUR, 2001.
- MINAS GERAIS. Usiminas Conta sua História. Belo Horizonte: 1990.
- MINAS GERAIS. IEPHA. *Dicionário Biográfico de Construtores e Artistas de Belo Horizonte: 1894-1940*. Belo Horizonte, 1997.
- MINDLIN, Henrique E. *Modern Architecture in Brazil*. Rio de Janeiro: Colibris, 1956.
- O MODERNISMO em Minas: o Salão de 1936. Belo Horizonte: PMBH, 1986.
- PEVSNER, Nikolaus et al. *Dicionário Enciclopédico de Arquitetura*. Rio de Janeiro: Editora Arte Nova, 1977.